

**O Direito à Escola e Homossexualidade: Diálogos possíveis, quebrando paradigmas no ambiente de formação intelectual****The Right to School and Homosexuality: Possible dialogues, breaking paradigms in the intellectual training environment**

DOI:10.34117/bjdv6n10-065

Recebimento dos originais: 08/09/2020

Aceitação para publicação: 05/10/2020

**Helena Novak Manrique**

Mestranda em Ambiente e Sociedade

Universidade Estadual de Goiás – PPGAS

Endereço: Rua 14, 327 – Jd América. Morrinhos, Goiás CEP 75.650-00

E-mail: hnmanrique@gmail.com

**José Henrique Rodrigues Machado**

Mestrando em História

Universidade Estadual de Goiás – PPGHIS

Endereço: Rua 14, 327 – Jd América. Morrinhos, Goiás CEP 75.650-000

E-mail: jhenrique\_20@hotmail.com

**Ledyane Munique Rosa de Melo**

Mestranda em Ambiente e Sociedade

Universidade Estadual de Goiás – PPGAS

Endereço: Rua 14, 327 – Jd América. Morrinhos, Goiás CEP 75.650-00

E-mail: ledyane.adv@outlook.com

**RESUMO**

Este estudo trata das considerações acerca do ser humano gay na sociedade desde o tempo em que as relações entre pessoas do mesmo sexo eram permissivas e aceitas, ao tempo atual onde a violência demonstra o preconceito vivido e enfrentado no dia a dia dos gays. A escola é o local que deverá propiciar meios de aceitação do gay através de sua participação como os demais educandos, tendo a mediação dos educadores.

**Palavras-chave:** Educação, Escola Inclusiva, Gay, Preconceito.

**ABSTRACT**

This study deals with the considerations about the gay human being in society from the time when relations between people of the same sex were permissive and accepted, to the present time where violence demonstrates the prejudice lived and faced in the daily life of gays. The school is the place that should provide means of acceptance of the gay through its participation like the other students, having the mediation of the educators.

**Keywords:** Education, Inclusive School, Gay, Prejudice.

## 1 INTRODUÇÃO

A escola é o local em que as relações sociais têm início, para além do grupo familiar. Em todas as faixas etárias dos educandos que passam por ela, este ambiente mostra-se crucial para a formação de valores, de personalidade de cada um. É o lugar em que há espaço para a discussão de assuntos concernentes aos direitos, deveres e a prática da cidadania (MENDES et al., 2015, p. 1).

É entendido que muitas vezes, em razão de um cronograma elaborado com um conteúdo em que prevalece uma quantidade grande de assuntos nas diversas disciplinas aplicadas, temáticas do dia a dia dos educandos perdem espaço. E temas relevantes que muitos educandos só têm na escola a área de externar essas dúvidas, anseios e buscar esclarecimentos, como iluminam Thomaz e Oliveira:

O espaço escolar não deve apenas preocupar-se com a formação intelectual do educando, mas também e principalmente, com a sua formação enquanto ser humano ético, participativo, realizado no campo pessoal e profissional. A proposta trabalhada teve por finalidade repensar a questão da formação para a efetivação do papel do cidadão na sociedade, fazendo com que a escola se organizasse como um espaço vivo, onde a cidadania fosse exercida a todo momento (THOMAZ; OLIVEIRA, 2009, p. 03).

Este estudo surgiu através da observação do comportamento e conversas de educandos sobre a temática gay e a aceitação ou não dentro da escola. A questão problema gravita em: a escola tem resguardado o seu papel de inclusão de gênero no decorrer dos anos?

De acordo com Molina (2009, p. 950), trabalhar com a homossexualidade na tradição judaico-cristã, caso da sociedade brasileira, ainda é considerado algo sujo, errado, pecado, imoral.

O antropólogo Mott (2003) afirma sobre a importância dos estudos acerca da homossexualidade na contemporaneidade do País, com o fim de tentativas de erradicação ao preconceito, violência e intolerância, assegurando a este indivíduo o seu direito ao seu relacionamento amoroso e sua identidade social, como já definida.

Ao mencionar a inclusão escolar, a sociedade resguarda a criança, adolescente e jovem com deficiência ainda que seja executado um trabalho com defasagem, baixa qualidade e lacunas a serem preenchidas. É direito assegurado em Lei pela Constituição da República Federativa do Brasil (1988).

Já a temática gay, tal preceito tanto para homens quanto para mulheres, é motivo de piadas, risadas. O indivíduo apontado durante todo o período letivo, segregado dentro da escola seja em que faixa etária for. A escola não promove o acolhimento ao adolescente gay. Na adolescência o indivíduo passa por uma complexidade típica dessa fase, pois é quando começa a maturação da sua personalidade. Sendo assim, sobre a questão sexual a *World Health Organization* (WHO) –

Organização Mundial da Saúde (OMS) afirma que a sexualidade humana tem aspecto central no desenvolvimento do corpo, conhecer o próprio corpo e suas funções, erotismo, relacionamento amoroso e reprodução, são conceitos importantes para que o jovem possa entender o processo de mudança pelo qual o corpo está passando (OMS, 2002).

A sexualidade sempre foi um grande enigma da humanidade e uma das mais importantes e complexas dimensões da condição humana. Sua compreensão envolve inúmeras variáveis que incluem questões morais, políticas e ideológicas. [...] construção sócio histórica da sexualidade para mostrar que a maneira como a cultura ocidental lida com as manifestações da sexualidade, particularmente a homossexualidade, é tributária dos códigos e valores que sustentam o imaginário dessa cultura. Tais códigos, que variam segundo as épocas, influenciam diretamente o que é permitido, o que é proibido, o que é normal e o que é patológico, em termo das práticas sexuais dos indivíduos (CECCARELLI, FRANCO, 2010, p. 121).

Gasparin (2001, p. 8) lembra que os jovens anseiam por viver intensamente descobrindo e desvelando suas paixões, precisando de apoio para prosseguirem nessa caminhada: “vivenciam a paixão, o sentimento, a emoção, o entusiasmo, o movimento. Anseiam por liberdade para imaginar, conhecer, tudo ver, experimentar, sentir. O pensar e o fazer, o emocional e o intelectual, estão entrelaçados, [...] em cada coisa que fazem.”

Nessa idade é comum que o adolescente aceite a opinião do grupo de amigos e rejeite a dos pais. É comum para as meninas a modificação do corpo para atender a cultura contemporânea: “cultuar o corpo ideal”. Transformações no corpo através de cirurgias são comuns mesmo em baixa faixa etária, dietas severas para perda de peso, passa a ser parte da rotina diária de muitos adolescentes. É visto o incentivo dos pais para que o comportamento da menina seja dócil, entre futilidades e que demonstre seu desejo pelo sexo oposto (GARRITANO, 2008).

Para os meninos há um comportamento de incentivo por parte do pai que não deseja que haja o interesse revelado pelo mesmo sexo. O assunto sexualidade continua sendo um tabu nos lares brasileiros (BRASIL, 2007).

É como um bombardeio de informações advindas da mídia diariamente referindo quase que exclusivamente ao assunto sexo. Programas televisivos e propagandas que aludem à uma imagem com teor de vulgaridade à figura feminina e estimulam a virilidade do rapaz, sem mencionar as implicações que uma atividade sexual sem cuidados pode ocasionar. Este indivíduo de orientação para que possa desenvolver a capacidade de compreender essas mensagens e conhecer seu corpo. Primeiramente, é dos pais a responsabilidade de assistirem seus filhos em relação ao assunto sexo. A sociedade não está dispensada de seu papel em orientar com segurança por meio da escola,

instituições religiosas e instituições de saúde (BESERRA; PINHEIRO; BARROSO, 2008; BESERRA et al., 2011).

Este estudo congrega da hipótese da necessidade de compreender qual era dinâmica de gênero para alguém assumidamente gay e se a história realmente fez o processo de inclusão que se propaganda, trazer a verdade na temática.

A inclusão do gay não se encontra presente nas instituições de ensino referentes a Educação Básica 2 e Ensino Médio, tão pouco é mencionado em muitas famílias. O tema ressoa nas escolas através do descaso à violência que muitos educandos sofrem diariamente e se submetem em silêncio no século XXI, por não encontrarem apoio junto à família e prosseguem com dúvidas procurando respostas e acolhimento entre amigos que os aceitem e, muitas vezes sendo mais velhos, com opiniões já formadas e diferentes em valores morais, podem confundir ou deixar este jovem em condições de vulnerabilidade maior.

A sexualidade sempre foi um grande enigma da humanidade e uma das mais importantes e complexas dimensões da condição humana. Sua compreensão envolve inúmeras variáveis que incluem questões morais, políticas e ideológicas. [...] construção sócio histórica da sexualidade para mostrar que a maneira como a cultura ocidental lida com as manifestações da sexualidade, particularmente a homossexualidade, é tributária dos códigos e valores que sustentam o imaginário dessa cultura. Tais códigos, que variam segundo as épocas, influenciam diretamente o que é permitido, o que é proibido, o que é normal e o que é patológico, em termo das práticas sexuais dos indivíduos (CECCARELLI; FRANCO, 2010, p. 121).

A vida de um jovem homossexual não é fácil por sua orientação sexual, mas por viver em uma sociedade heterossexual que não o aceita. Muitas vezes a própria família não sabe, ou o pior que pode ser vivido por alguém gay: finge não saber ignorando a verdade e não permitindo outra ação por parte do jovem a não ser viver calado sobre o que ele realmente é. Ser homossexual, reconhecer-se homossexual, é uma luta antiga e, na contemporaneidade, é diária, dura, pesada, dolorosa, na busca de possibilidades para uma vivência pacífica como a vida de qualquer pessoa independente da sua orientação sexual ou sua identidade de gênero.

Os gays e lésbicas vivem sob a sombra do preconceito manifestado pela homofobia que é definido como: “preconceito contra pessoas que se relacionam afetivo-sexualmente com outras do mesmo sexo, é diariamente marcada por gestos, olhares, palavras, discursos, agressões e até mesmo assassinatos.” (MOLINA, 2011, p. 950).

Como metodologia para esta pesquisa, foi realizado um estudo de caso por meio de uma entrevista com questionário focal.

Este estudo tem como objetivo desta pesquisa é identificar o que acontece com o público escolar de diversidade e elucidar a movimentação que acontece acerca dessa temática nas escolas.

Veremos, contudo, a construção histórica dos sujeitos sociais que atravessam esta pesquisa, seguido de análise focal, advindo de um depoimento muito afetivo, de um homem, que se fez gay e se transformou mulher. Por detrás disto tudo, o discurso, sempre presente, de silêncio e aniquilação de vozes, ante o preconceito em suas mais diversas figurações.

## **2 HISTORICAMENTE COMO O GAY TEVE SUAS REPRESENTAÇÕES E OU SIGNIFICAÇÕES SOCIAIS**

Tornar um grupo com significações sociais, implica em reconhecer este mesmo grupo por conceitos e ações políticas. Ao ser referido neste estudo o domínio da sexualidade, é afirmado que o homossexualismo tem sido alvo de violência e persiste se ressignificando, buscando seu lugar não se deixando destruir ou continuar escondido. A exposição, a autoafirmação como indivíduo gay, este passa a sofrer, a viver uma vida de riscos. Não existe pela ciência uma explicação para a existência de um “gene” que permita a uma pessoa nascer gay ou se tornar gay (BRASIL, 1996).

Na história, o indivíduo homossexual teve sua representação em diferentes culturas e foi pela cultura judaico-cristã, onde a sexualidade envolve a percepção do ser homem e do ser mulher, que a homossexualidade teve seu cerceamento, qualquer outra condição fora dos que foram estabelecidos por crenças e leis, ficam desconsiderados como legítimos (COSTA, 1992).

O primeiro registro que possuímos acerca da homossexualidade data de 4500 anos antes de Cristo, ocorrendo entre Oros e Seti, na sociedade egípcia. Ela sempre existiu, em todos os povos e nos mais diferentes status sociais. Podemos ainda citar, o Batalhão dos Amantes, um exército composto apenas por homossexuais na Grécia, nação onde também existiu Alexandre Magno e os grandes filósofos, como Platão e Sócrates, todos homossexuais (GUIMARÃES, 2009, p. 555).

As identidades heterossexuais e homossexuais são criações socioculturais, uma vez que advêm de uma cultura e suas crenças – judaico cristã católica, datando dos séculos XVIII e XIX, como explica Guimarães (2009).

Até o século XVIII, à mulher era designada a função de procriação, considerada como ser inferior ao homem a quem era dada todas as formas de reconhecimento de ser capacitado, inteligente e dominador. As diferenças sociais e culturais tinham pequena relevância, contudo, segundo o sexo, prevalecia o ser homem.

Nas sociedades da Grécia e Roma antigas, as manifestações da homossexualidade estiveram presentes, tendo deuses que eram homossexuais. Seus praticantes eram homens e recebiam o nome

de pederastas<sup>1</sup>, essa prática antecedeu as ideologias do cristianismo. A pederastia na Grécia era tida como parte do preparo do menino para a vida adulta, sendo aceita pelos pais e vista como natural. Destaca-se que somente a homossexualidade recebeu notoriedade e aceitação na Grécia.

Em Esparta, conhecida cidade da Grécia antiga pela sua formação militar, o homossexualismo não era uma anomalia nem escândalo. Os soldados eram incentivados a amarem outros soldados, a sociedade compreendia que haveria maior força e desejo de vencer se lutasse pelo amado (FEITOSA, 2017).

O gay do sexo feminino não obteve dos estudiosos muitos registros, no entanto, na época do apogeu do homossexualismo gay a mais famosa lésbica foi Safos de Lesbos, de onde originam os termos lésbica e lesbianismo, datando cerca de cinco mil anos antes de Cristo, não sendo possível registrar com exatidão a presença do ser homossexual no mundo (MOTT, 1994 apud GUIMARÃES, 2009, p. 555).

Nesse período onde não havia uma recusa ao ser gay permeada por violência, mas a aceitação, muitos amores foram destacados na história, citados acima. Como ser social que é, o homossexual carrega consigo um estereótipo social definido por uma sociedade que o rejeita e o expulsa, é melhor que “fique no armário”, é formado pelos costumes de um grupo. De acordo com a ideia não se refere ao homossexual ou lésbica como sendo uma opção, pois ninguém escolhe ser gay, nasce gay. É aconselhável definir como “orientação sexual” (BRASIL, 1996).

Sendo assim, a percepção da homossexualidade e do lesbianismo agride quem rejeita este ser. Gary Sanders (1994, p. 242) explica que essa rejeição na cultura homofóbica e heterossexista esteia muitas vezes um segredo, algo proibido de ser mencionado. É a plena manifestação do desprezo por aquele que se afirmar sendo gay.

Nessa sociedade heterossexista, a única forma de relação aceita é entre homem e mulher, diferente desta, é perversão, sujeira, pecado, errado e deve ser punido: “A heterossexualidade é elaborada socialmente no século XIX em cima de quatro pilares: - o adultismo - o prazer sexual é limitado aos adultos; - o sexismo; - a misoginia; - e a homofobia.” (GONTIJO, 2004, p. 64).

A aceitação do gay, ou não, vieram com modificações dos valores ao longo da história. Atualmente, há manifestações de muitos indivíduos que “assumem” sua homossexualidade deixando de viver com o “segredo” indo contra as pregações heterossexista referida nas crenças cristãs, onde o amor, a afetividade, a relação sexual entre pares será possível e permitida entre homem e mulher, explica Sanders (1994). A autora afirma que a homofobia é repleta de sentimentos negativos atribuído aos que se aceitam e passam a viverem como são, gays. Impedidos de viverem

---

<sup>1</sup> Termo designado para descrever relação entre um homem e um menino (DIETER, 2012, p. 1).

seus sentimentos de paixão pelo outro, o toque de mãos, o beijo, a mão no ombro, as carícias comuns entre casais em público são vetadas aos casais gays, são indivíduos que travam uma batalha para serem reconhecidos como seres sociais. Sanders (1994, p. 290) apresentou um a pergunta em um de seus estudos: “Como o social te percebe? ”, uma participante da pesquisa respondeu: “O social? O social não me percebe” e riu. Outra disse: “Eles nos olham com curiosidade (...) nojo, asco, com ódio, até. Eles (...) eles nos expurgam”.

Sobre a temática da afetividade nas relações entre gays, Deborah Britzman (1995, p. 2) afirma: “Quando se trata de questões de desejo, de amor e de afetividade, a identidade é capaz de surpreender a si mesma: de criar formas de sociabilidade, de política e de identificação que desvinculem o eu dos discursos dominantes da biologia, da natureza e da normalidade. ”

Se nos primórdios da história em Roma e na Grécia um homem poderia apaixonar-se por um menino, se houve um exército de homens guerreiros todos gays, é possível imaginar os sentimentos de amor que estes viveram. Com a evolução da humanidade, o gay foi colocado como ser de segunda classe: da ascensão veio a perseguição.

A homofobia tomou o lugar da convivência entre todos. Mesmo se valendo da Carta Magna de 1988, que assegura o direito quando do cumprimento rigoroso ao conteúdo do Artigo 3º, inciso IV, que apresenta o dever de “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. ” (BRASIL, 1988).

Na década de 80 com o “boom” do vírus HIV/AIDS (vírus da imunodeficiência humana, do inglês – *Human Immunodeficiency Virus*) que contaminava um número maior de homens gays, tanto no Brasil como no mundo, foi dado a eles a “culpa” de serem disseminadores da “peste gay”, depois de ser confirmada uma doença no ano de 1981, que era contaminada or meio do sangue e relações sexuais sem proteção (uso de preservativos), como afirma o *Centers for Disease Control* (1981, pp. 250-252) – Centro de Controle de doenças (tradução livre) “O “aparecimento” da AIDS: em 1981 os Centros de Controle de Doenças (CDC EUA) fazem o primeiro relato de afecções oportunistas entre pessoas jovens, homossexuais, previamente sadias.” Isto bastou para que os gays ficassem ainda mais estigmatizados. O preconceito destruiu famílias e muitos gays revelaram sua identidade de gênero em meio a violência e pressões.

Pereira (2004) explica que com a disseminação do vírus HIV, a população de gays sofreu muito e foi segregada quando estava tentando seu espaço na sociedade como cidadãos comuns, assumidamente gays – fora do armário – trabalhando, vivendo sua vida comum.

A construção dessa comunidade na sociedade ainda é em meio a lutas.

Nenhuma identidade sexual – mesmo a mais normativa – é automática, autêntica, facilmente assumida; nenhuma identidade sexual existe sem negociação ou construção. Não existe, de um lado, uma identidade heterossexual lá fora, pronta, acabada, esperando para ser assumida e, de outro lado, uma identidade homossexual instável, que deve se virar sozinha. Em vez disso, toda identidade sexual é um construto instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não finalizada (BRITZMAN, 1996, p. 74).

O que se vê pela mídia cotidianamente na contemporaneidade, são as lutas dos gays para serem aceitos como pessoas normais que são. Infelizmente, no dia a dia de inúmeros municípios do País, é visto travestis sendo mortos cruelmente, gays e lésbicas sendo xingados ao manifestarem seus sentimentos em público, a manifestação de “raiva” em relação aos indivíduos gays é visível e constante, tendo aumentado pelas manifestações via mídia nas redes sociais.

### **3 METODOLOGIA**

Inicialmente, este trabalho foi realizado por meio da pesquisa bibliográfica em material publicado na internet. Foram utilizadas as palavras-chave: Gênero, Escola, Segregação e preconceito.

A seguir foi realizado o estudo de caso por meio de uma entrevista com questionário focal, cuja essencialidade, através da pesquisa oral, foi ilustrar e estabelecer diálogos possíveis para as questões de gênero em nossa sociedade, além de provocar reflexões futuras sobre gênero e educação.

### **4 DISCUSSÃO DE DADOS LEVANTADOS**

Esta seção responderá pelos dados levantados, em que caracterizaremos nosso sujeito social de pesquisa, como homem, que se fez gay e transformou-se mulher. Procuraremos extrair aqui, o máximo de possibilidades, de uma hora e dez minutos de um diálogo livre, sem perguntas de cunho particular, mesmo se tratando de questões intimamente ligadas a atravessamentos de nosso sujeito de pesquisa.

#### **4.1 ESTUDO DE CASO – UMA TRANSSEXUAL, UM GAY, UM ALUNO: SER HUMANO**

A conscientização da existência da diversidade na sociedade propicia a inclusão nas organizações de pessoas de diferentes culturas, raças, gêneros, orientações sexuais, classes sociais, nacionalidades etc., permitindo o reconhecimento e a compreensão das diferenças e semelhanças entre os indivíduos, com objetivo de valorização e reconhecimento da importância de sua inserção dentro das organizações.

As diversidades ou minorias frequentemente sentem-se menos incluídas do que membros do grupo dominante, não por uma possível causa de deficiência de desempenho, mas devido ao acesso



diferenciado de oportunidades e um clima inóspito em que se sentem inseridos (COX, 1993). Os grupos de maioria exercem opressão e levam adiante estigmas e preconceitos sobre os diferentes, assim as minorias sofrem a opressão e sentem a discriminação sobre seus grupos, como também aponta Ozeren (2013).

Diante da realidade da inserção do homossexual nas unidades escolares percebe-se que os sujeitos sociais de diversidade, sofrem, muitas vezes, formas veladas de preconceito, onde a dificuldade de ascensão é percebida.

Dito isto, passamos ao que nos orientou nossa entrevistada. Que teve sua assumência gay, nos anos 2000, em escola da rede pública de educação. Se autodeclarou de classe média baixa, sem curso superior.

A única provocação que foi feita para esta entrevista foi: Conte-nos sobre suas experiências com relação a sua escola.

Entrevistada – *“Sempre fui um aluno muito bom! Sempre fui respeitado por ser bom, participativo e efetivo na escola. Nunca me dei ao trabalho de ficar respondendo a piadas sobre minha orientação. Eu sempre me senti daquele jeito. Sempre fui. Sempre me senti como mulher. Não me achava como menino. [...] Eu pedia para Deus para que eu simplesmente acordasse mulher! Eu lutava contra aquilo. Se minha mãe dizia que era errado, se me pai me dizia que era errado, eu lutava contra aquilo. Foi quando eu conheci amigos gays que eram assim também. [...] nesta época comecei a me assumir. [...] meu pai era autoritário e sofreu demais com minha escolha. Mas ele era assim em tudo. No fundo, todos os pais e mães sabem quando seu filho é... [...] sabe, ele pegou muito no meu pé!”*

Há neste discurso um subentendido por parte da entrevistada com relação a autoafirmação e o cuidado ou medo de utilizar a terminologia “gay” próximo ao atravessamento discursivo família. Reverberando “quando seu filho é gay” há a omissão do termo gay.

O assunto sexualidade está presente na vida de todos os seres humanos principalmente quando são educados da 2ª Fase da Educação Básica. É a fase da adolescência reconhecida por curiosidades, sentimentos de ansiedade, incertezas diante do futuro, medos e descobertas, principalmente em relação ao assunto sexo. A falta de conhecimento sobre a própria sexualidade, assunto que ainda é tabu nas famílias, e seu desenvolvimento normal na vida de qualquer indivíduo, provoca concepções em relação ao despertar da sua sexualidade (SANTOS et al., 2010).

Na fala da entrevistada é possível perceber que na escola houve problemas de aceitação ao seu gênero. A família demonstrou inquietações e não aceitou, cabendo à própria [...] receber informações de amigos quando começou a se socializar mais com um grupo. Isto demonstra o

quanto os educadores “[...] educação sexual na escola deve ter autenticidade, empatia e respeito. Se o lar está falhando neste campo, cabe à escola preencher lacunas de informações, erradicar preconceitos e possibilitar as discussões das emoções e valores” (TELES, 1992).

A escola falhou com a entrevistada quando não foi acolhedora, esclarecedora e forneceu conteúdos em aulas de educação sexual para que pudessem servir de base para que suas dúvidas fossem sanadas. Ressalta-se que o material deve ser próprio para chamar a atenção do alunado de forma séria, não com o rigor de causar constrangimento e nem com o descaso para piadinhas que se tornem motivos de afastamento, apelidos e a demonstração clara do preconceito.

“Ser homossexual, reconhecer-se homossexual, traz à tona a revolução dos tempos, sentimentos e sonhos de milhares de pessoas. Portanto, retrataremos uma pequena parcela dessa luta, que incansável, dedica-se a grande revolução do amor. ” (MOLINA, 2011, p. 950). Isto descumpra com o que é considerado correto pela religião, pela sociedade em sua grande parte que se diz favorável a “toda forma de amor” e liberdade de pensamento, mas se descobre que o filho ou filha são gays a história muda de “figura”. A escola demonstra que a segregação ao indivíduo gay parece ser “normal” na rotina escolar ali dentro dos muros da instituição. Para muitos pais, os gestores devem agir com rigor e separar “aqueles diferentes” e de certo modo perigosos, pois podem influenciar seus filhos que não são gays, do grupo. A vida destas pessoas para estes pais, é dentro da prostituição, drogas e resultando em uma vida pregressa, suja, errada.

A escola tem o dever de agrupar, acolher de promover o processo ensino aprendizagem para o crescimento e autonomia do indivíduo em seu futuro como cidadão na sociedade, de forma democrática. Porém, é nítido que ao lidar com o assunto estudo de gênero, se apoia nos pilares das igrejas cristãs. Assim, o entendimento dessa temática pelos educandos, se faz através de uma cultura que mostra as diferenças entre homens e mulheres e suas caracterizações sejam aprendidas ou intrínsecas dos dois sexos vêm contribuir para o entendimento da exclusão das pessoas que conheceram os prazeres do sexo de forma como lhe foi escolhida, uma vez que são cidadãos vivendo dentro de uma sociedade que lhes atribui direitos e deveres.

É obrigação da escola a construção de um trabalho mais livre e menos rigoroso acerca do estudo do conceito de gênero, favorecendo o grupo na compreensão de que o sexo entre iguais não é doença, não é errado e é praticado em local próprio, como os cidadãos não gays (OLIVEIRA, 2009, p. 161).

A relevância do trabalho sobre sexualidade dentro da escola para com os educandos se faz pertinente, pois essa população se constitui de pessoas em condição de vulnerabilidade enquanto adolescentes, uma vez que pode ocorrer uma gravidez precoce, estão expostos às doenças do grupo

das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), dentre elas o vírus HIV/AIDS. O indivíduo gay também pertencente a essa população se encontra em uma condição mais delicada ainda.

As igrejas cristãs sempre conduziram o pensamento de que o sexo foi criado por Deus para a procriação, o prazer não era mencionado no passado e continua assim na atualidade. Já não há tanto “castigo”, mas a recomendação por padres e pastores dos seguimentos evangélicos acerca de evitar o sexo antes do casamento. Em relação ao homossexualismo é de total repulsa e repreensão. O pecado é ressaltado e não há “salvação” a não ser deixar a prática pecaminosa de “ser gay”.

Entrevistada – *“Na escola, me apontavam o dedo, faziam piadinhas. Mas como sempre tive muita facilidade em fazer amigos. Eu tinha o carinho das professoras, por ser representante de classe. Eu estudei em escola pública. E sabe, o meu maior problema foi que eu queria usar o banheiro feminino. E o diretor, não sei por que cargas d’água não permitia. E eu me lembro de uma vez que me constrangeu muito que ele falou que iria me levar na subsecretaria de educação, inclusive, local de trabalho de minha mãe. E lá chegando, foi uma situação muito constrangedora, e ... sempre tive anjos da guarda. E por morar em cidade pequena, sempre fui muito bem quista. Sempre educada e polida. Tinha o respeito das pessoas. Por mais que eu sabia que era vista como uma pessoa diversa, como uma pessoa errada! Sempre procurei tratar bem as pessoas. Acho que isto me fez ganhar espaço!”*

É importante ressaltar o quanto a personalidade da pessoa teve total domínio para que ela não se rendesse aos comentários maldosos e nem se tornasse refém de pessoas que faziam piadas e, se posicionando com educação recebida em casa, respeitando os pais que mesmo sem entendê-la demonstravam amor, sentiu-se segura para prosseguir em sua jornada de se encontrar como o ser que realmente se sente que é. O respeito é base para qualquer relação, e ela fez disso seu alicerce desde sua casa, estendendo para a escola na cidade pequena onde nasceu.

Entrevistada – *“Foi na escola os momentos mais interessantes e de descoberta de minha vida. Lá eu descobri que precisamos lutar pelo que queremos ser. Sem se esconder.”*

Ao contrário de muitos jovens que se sentem na obrigação de se manterem “dentro do armário”, ela sabia que nasceu mulher no corpo de um homem somente se libertando poderia viver. Livre. E foi o que fez. O carinho referido a alguns professores demonstra o dever da escola em trabalhar com rigor em relação a atrair a atenção dos educandos e deixando-os à vontade sem receios, ouvindo suas dúvidas e os amparando, diante da temática educação sexual no período da adolescência.

O estudo na escola, da educação sexual pode modificar o pensamento errôneo sobre a questão de gênero modificando a desigualdade e abolindo o preconceito. Quando os educandos têm

o momento de comentar, expor suas dúvidas, o fazem neste ambiente que deve primar pela sua segurança e bem-estar. Aliados a família, a escola colaborará para que histórias como esta tenha um final feliz. De vida, onde valores humanos e direitos humanos sejam respeitados.

## **5 INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA DE AÇÃO**

Um Projeto de Intervenção Pedagógica de Ação (PIPA) reproduz etapas a serem seguidas para realizar modificações possíveis que possam facultar formas que propiciem aos educandos desenvolverem o processo de aquisição de ensino aprendizagem. Em particular, este projeto de intervenção tem como objetivo elucidar a temática proposta neste estudo, que é a aceitação ou não do gay na escola.

O espaço escolar é propício para o desenvolvimento do indivíduo promovendo condições de conhecimento em tornar-se um cidadão consciente dos seus direitos e deveres. Na evolução deste processo é relevante envolver familiares, gestores e professores, reforçando a ação protagonista do educando.

Destaca-se que a comunidade escolar deve acolher a todos e se manter aberta a expressão de opiniões e ideias. Esse pensamento vai de encontro as garantias e direitos fundamentais que faz do Brasil um Estado Democrático de Direito regido pela Constituição Federal da República do Brasil de 1988 em seu Artigo 5º: “Todos são iguais perante a lei [...]”. Complementando, acerca da educação, no Artigo 205: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. ” Dessa maneira, resguarda-se os direitos ao desenvolvimento do indivíduo assegurando o seu lugar na sociedade.

É sabido que a população gay, sofre toda sorte de preconceitos no País culminando em violência e mortes destes cidadãos, o que tem sido noticiado pela mídia revelando que ocorre em todo o País. É necessária uma ação urgente que venha levar a reflexão sobre o assunto dentro das escolas.

O gay sofre há muito e a população escolar ao tomar conhecimento de todos os embates a que foi exposto pode reconhecer como é estar isolado em meio a um grupo. As tentativas de ser silenciado como doente. O gay já passou por constrangimentos de ser reconhecido como doente e sua doença foi registrado no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) onde configuram todas as patologias já estudadas mundialmente e só foi retirado do DSM III no ano de 1980, dá ao educando a dimensão do sofrimento de pessoas que “são doentes” por serem

“diferentes” na forma que amam, se apaixonam e se relacionam sexualmente alguém do mesmo sexo (SANTOS; BERNARDES, 2008).

Desde sua representação social o ser gay sofre com os estereótipos recebidos de outros sobre sua identidade sexual. Já aludido foi disseminador da “*peste gay*” nos idos anos 80. Anteriormente foi respaldo para discurso feminista nos Estados Unidos da América, nos anos 60. Weeks (1998), afirma que se faz necessário que:

[O cidadão sexual] pode ser homem ou mulher, branco ou negro, rico ou pobre, heterossexual ou gay, exceto por uma característica específica: o cidadão sexual existe – ou melhor, vem a existir – devido ao novo primado atribuído à subjetividade sexual no mundo contemporâneo (WEEKS, 1998, p. 35).

As escolas têm agido de forma equivocada em relação ao conceito inclusão, uma vez que não dispõem de espaço para todos os “diferentes” e todos não são iguais, são únicos. Trata-se aqui de um pensamento claro de que cada ser humano carrega em si uma bagagem de mundo que conheceu antes de iniciar sua vida em uma escola.

Na Intervenção Pedagógica de Ação proposta nesta etapa deste estudo, educandos devem ser chamados ao seu papel de cidadãos e debaterem democraticamente expressando sua visam sobre o ser gay e seu espaço ocupado – por direito – dentro da escola. É relevante afirmar aos educandos já passou a era obrigatória de viver “*dentro do armário*”, não deve haver espaço na escola para o preconceito diante desse cidadão por sua condição de gênero.

Por mais que as políticas públicas concernentes à educação apresentem lacunas e condições de fomentar uma escola inclusiva seja ainda uma utopia, é dever da escola resguardar todos que ali recebidos e promover meios do seu desenvolvimento psicossocial e cognitivo.

Acerca do gay é importante ressaltar que no dia 13 de junho de 2019, o “Superior Tribunal Federal (STF) decidiu por 8 votos a 3 permitir a criminalização da homofobia e da transfobia considerando que atos preconceituosos contra homossexuais e transsexuais devem ser enquadrados no crime de racismo”. O Brasil se tornou o 43º país a criminalizar as ações homofóbicas, de acordo com informações do “Relatório Patrocinada pelo Estado” elaborado pela Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Intersexuais (IIGA).

Assim, toda prática de homofobia será punida, conforme a referida Lei do Racismo:

Conforme a decisão da Corte:

Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito" em razão da orientação sexual da pessoa poderá ser considerado crime;

A pena será de um a três anos, além de multa;

Se houver divulgação ampla de ato homofóbico em meios de comunicação, como publicação em rede social, a pena será de dois a cinco anos, além de multa;

A aplicação da pena de racismo valerá até o Congresso Nacional aprovar uma lei sobre o tema.

Apresentar esta decisão poderá levantar a discussão da necessidade de Leis e ações mais efetivas para proteção da população em condição de vulnerabilidade como no caso de mulheres – Lei Maria da Penha, crianças e adolescentes – Estatuto da Criança e do Adolescente, idosos – Estatuto do Idoso, a Lei do Racismo (Lei nº 7.716/89), dentre outros, que mesmo mediante as mencionadas leis ainda sofrem maus-tratos, são agredidos com um alto grau de violência e são mortos.

É imprescindível que o papel inclusivo da escola seja o do acolhimento a todos os educandos de uma comunidade em meio a outros que sejam circenses, ciganos, deficientes, gays, recebendo a cada um entre o grupo, sem rótulos ou designando o seu lugar na carteira ao fundo da sala porque ele é o “diferente”.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao elaborar este estudo foi possível perceber que o gay passou pela história defendendo o seu direito de sobreviver, e ainda é segregado vivendo à margem dessa sociedade.

Deste modo espera-se que a escola, comunidade que se destina ao desenvolvimento psicossocial e do conhecimento de diversos saberes, promova ao gay o seu lugar.

Infelizmente, os que estão lá dentro recebem o tratamento da violência velada: piadas, ridos, dedos apontados, recusas de outros em chegar perto. Isto revela que nem sempre a escola age como inclusiva a todos que dela precisam. De certo modo, tem colaborado com o pensamento conservador, se não fornece meios de discussão, reflexão, expressão de ideias e mudanças de paradigmas.

É esperado que os educadores possam se preparar para lidar com o assunto sexualidade ajudando a elucidar as dúvidas de todos os educandos acerca do assunto e tenham preparo devido para receber o educando gay e conduzi-lo na sua formação de cidadão ciente de direitos e deveres como qualquer outro educando do grupo.

O amor entre iguais não é e nunca foi doença, não deve ser apontado com rótulos e nem reforçado as posturas de discriminação, marginalização sobre um educando gay.

**REFERÊNCIAS**

BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil, 1988. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/constituicao.pdf>>. Acesso em 06 set 2019.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Marco teórico e referencial: saúde sexual e saúde reprodutiva de adolescentes e jovens / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007. Disponível em: <[bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude\\_sexual\\_saude\\_reprodutiva.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_sexual_saude_reprodutiva.pdf)>. Acesso em 06 set 2019.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. Programa Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS. Manual do Multiplicador - Homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 1996. 601 p. Disponível em: <[bvsms.saude.gov.br](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes) > bvs > publicações>. Acesso em 09 set 2019.

BRITZMAN, Deborah P. O Que é Esta Coisa Chamada Amor?; identidade homossexual, educação e currículo. 1995. Mimeo.

BRITZMAN, Deborah. O que é esta coisa chamada Amor – Identidade homossexual, educação e currículo. Revista Educação e Realidade, v. 21, p. 71-96, jan/jun, 1996.

CECCARELLI, Paulo Roberto; FRANCO, Samuel. Homossexualidade: verdades e mitos. Bagos. n. 05, p. 119-129. 2010. Disponível em: <<http://www.ceccarelli.psc.br/texts/homossexualidade-verdades-mitos.pdf>>. Acesso em 08 set 2019.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL (CDC). Pneumocystis pneumonia- Los Angeles. MMWR Morb Mortal Wkly Rep 1981; 30(21):250-252.

FEITOSA, Amanda Laysse da Silva; NASCIMENTO, Cílija de Oliveira; AQUINO; Maria Natália Fernandes de; PAMPLONA, Renata Gomes; PEIRA, Sayonara Maria Souza. Os desafios encontrados pelos casais homoafetivos: da antiguidade ao século XXI. VIII Jornada Internacional de Políticas Públicas. Universidade Federal do Maranhão. 22-25 agosto de 2017. Disponível em: <<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/eixo3/osdesafiosencontradospeloscasaishomooafetivosdaantiguidadeaoseculoxxi.pdf>>. Acesso em 10 set 2019.

GARRITANO, E.J.B. O adolescente e a cultura do corpo. Dissertação (Mestrado). 2008. 165 p. Universidade Veiga de Almeida. Rio de Janeiro. Disponível em: <[https://www.uva.br/mestrado/dissertacoes\\_psicanalise/7\\_ELIANA\\_JULIA\\_DE\\_B\\_GARRITANOS-O\\_Adolescente\\_e\\_a\\_Cultura\\_do\\_Corpo.pdf](https://www.uva.br/mestrado/dissertacoes_psicanalise/7_ELIANA_JULIA_DE_B_GARRITANOS-O_Adolescente_e_a_Cultura_do_Corpo.pdf)>. Acesso em 09 set 2019.

GASPARIN, J. L. Motivar para aprendizagem significativa. Jornal Mundo Jovem. Porto Alegre, n. 314, p. 8, mar. 2001.

GONTIJO, Fabiano. Imagens Identitárias Homossexuais, Carnaval e Cidadania. In: No plural das eroticidades. Departamento de Ciências Sociais, Mestrado em Políticas Públicas, Mestrado em Letras, Universidade Federal do Piauí. 2004.

GUIMARÃES, Anderson Fontes Passos. O desafio histórico de “tornar-se um homem homossexual”: um exercício de construção de identidades. Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública – BA – Brasil. *Temas em Psicologia* - 2009, Vol. 17, no 2, 553 – 567. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v17n2/v17n2a23.pdf>>. Acesso em 09 set 2019.

MENDES, C. A.; CÂNDIDO, T. F.; SILVA, C. F. A.; FERREIRA, D. A. A importância da escola para a formação do cidadão. VIII Encontro Nacional de Ensino de Geografia. 09 – 12 de outubro. 2015. Catalão GO. Disponível em: <[http://www.falaprofessor2015.agb.org.br/resources/anais/5/1441669448\\_ARQUIVO\\_RelatodeExperiencia\\_VIIIFalaProfessor.pdf](http://www.falaprofessor2015.agb.org.br/resources/anais/5/1441669448_ARQUIVO_RelatodeExperiencia_VIIIFalaProfessor.pdf)>. Acesso em 20 set 2019.

MOLINA, Luana Pagano Peres. A homossexualidade e a historiografia e trajetória do movimento homossexual. *Antíteses*, v. 4, n. 8, p. 949-962, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses>>. Acesso em 11 set 2019.

MOTT, Luiz. *Homossexualidade: mitos e verdades*. Salvador: Ed. Grupo Gay da Bahia, 2003.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. O Impacto da AIDS, a Afirmação da “Cultura Gay” e a Emergência do Debate em Torno do “Masculino” – fim da homossexualidade? 2004. In: *Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde/Organizadores Luís Felipe Rios... [et al.]*. - Rio de Janeiro: ABIA, 2004. P. 52.

RIOS, Luís Felipe Rios; ALMEIDA, Vagner de; PARCKER, Richard; PIMENTA, Cristina; TERTO JR. Veriano. *Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde / organizadores Luís Felipe Rios... [et al.]*. - Rio de Janeiro: ABIA - Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS, 2004.

SANDERS, Gary L. O Amor que Ousa Declarar seu Nome; do segredo à revelação nas afiliações de gays e lésbicas. In: IMBERBLACK, Evan. *Os Segredos na Família e na Terapia Familiar*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.

SANTOS, JP.; BERNARDES, NMG. Percepção social da homossexualidade na perspectiva de gays e de lésbicas. In ZANELLA, AV., et al., org. *Psicologia e práticas sociais [online]*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 289-296. ISBN: 978-85-99662-87-8. Available from SciELO Books. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em 10 set 2019.

TELES, Maria Luíza Silveira. *Educação, a revolução necessária*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

THOMAZ, Lurdes; OLIVEIRA, Rita de Cássia. A educação e a formação do cidadão crítico, autônomo e participativo. Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR. 2009. Artigo. [Online]. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1709-8.pdf>>. Acesso em 21 set 2019.

VECCHIATTI, Paulo Roberto Iotti. *Manual da Homoafetividade. Da possibilidade jurídica do casamento civil, da união estável e da adoção por casais homoafetivo*. São Paulo: Método, 2008, p. 56.

WEEKS, Jeffrey. (1998), “The Sexual Citizen”. *Theory, Culture & Society*, Vol. 15, no 3, pp. 35-52.

WHO, World Health Organization (OMS). Glossary [Online]. Genebra (SZ): World Health Organization; 2002. Disponível em: <<http://www.who.int/reproductive-health/gender/glossary.html>>. Acesso em 10 set 2019.